

Artes Visuais

CRÍTICA AO CONSUMO Caixa Cultural Recife exhibe mostra com trabalhos do artista americano Mac Adams que possuem humor singular

Narrativas provocadoras

BRUNO ALBERTIM



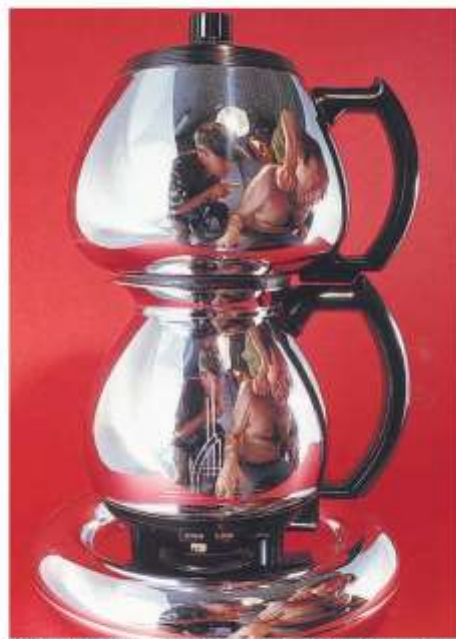
IRÔNICO Guerra Civil e Cachorro são obras de Mac Adams presentes à exposição e mostra habilidade do artista em produzir esculturas nada convencionais

BRUNO ALBERTIM
bruno.albertim@gmail.com

Na década de 1970, um grupo de artistas dava corpo a um movimento conhecido como *Arte Narrativa*: imagens e palavras articuladas para a coação de uma história. O britânico naturalizado americano Mac Adams estava entre eles. Embora tenha depois se distanciado do grupo pela recusa em usar textos, a obra de Adams continuaria plena de narratividade. Entãrias parecem nos saltar aos olhos diante das obras do artista, expostas pela primeira vez no Recife. Hoje, a Caixa Cultural inaugura a mostra Mac Adams: Sombrias e Misteriosas.

Clássica na trajetória do artista que tem obras no Centro George Pompidou, em Paris, e no Museu de Arte Moderna da Nova Iorque, os dipticos fotográficos da série *Tragédias Pós-Modernas* estão na mostra. Com um humor clássico, sociologicamente aguçado, o artista imprime reflexões sobre os anos duros de mudanças econômicas e ajustes promovidos pelos governos de Margaret Thatcher e Ronald Reagan, no Reino Unido e nos Estados Unidos, respectivamente. De forma irônica, o artista se apropria da linguagem da publicidade da época e, sobre objetos de design e uso cotidiano, imprime cenas de uma violência banal e desconcertante. No corpo de um abajur metálico, podemos ver, por exemplo, um gato armado. Ou algo mais sangrento.

As imagens de Adams parecem contar histórias plenas de suspense e desencantamento - como se se alimentasse da literatura de Arthur Conan Doyle ou do cinema de Alfred Hitchcock. "Conto a sua obra há quatro anos. Toda a produção do artista obriga a pessoa a interrogar a veracidade de elementos que transitam entre a realidade e a ficção. Ao longo da exposição, o espectador é constantemente confrontado com dois instintos: o desejo de ver e as inquietações por ter visto", comenta o curador Luiz Costa-



RESSIGNIFICAÇÃO Em *Interrogação*, Mac Adams se vale de objetos cotidianos

vo Cavulho.

A mostra contempla também a habilidade do artista em produzir esculturas nada convencionais, "desmaterializadas". As esculturas *Bart Simpson/Mickey Mouse* e *Café* são notáveis com a disposição de objetos comuns sobre superfícies e uma manipulação precisa da luz, ele projeta sombras com o formato de seus personagens-título. Estruturas abstratas projetam sombras figurativas. "Esta faceta do trabalho de Mac Adams é

dota de um humor singular. No entanto, o artista sempre nos obriga a interrogar a veracidade de elementos que transitam entre a realidade e a ficção", diz o curador, que realizará uma palestra de acesso gratuito na amanhã, às 19h, com o tema *O Inverso do Visível: Reflexão e Sombrias* na obra de Mac Adams.

© Mac Adams: *Sombrias e Misteriosas*, na Caixa Cultural do Recife. Marco Zera, 4/4. Bairro do Recife. Abertura hoje.

A sombra que leva a um universo diferente

Exposição *Mac Adams: sombras e mistérios*, sobre produção do artista britânico, inicia hoje na Caixa Cultural

BRENO PESSOA

breno.pessoa@diariodepernambuco.com.br

Obras são retratos do seu tempo, mas não apenas. A exposição *Mac Adams: sombras e mistérios*, aberta hoje, a partir das 19h, na Caixa Cultural (Avenida Alfredo Lisboa, 505, Bairro do Recife), traz um recorte da produção do artista britânico nos anos 1980, mas que dialoga com o contemporâneo. O curador Luiz Gustavo Carvalho estará presente na abertura para uma visita guiada com o público. A entrada é gratuita.

A capital pernambucana é o segundo destino da mostra, exibida recentemente em São Paulo e em cartaz na Caixa Cultural Recife até 21 de outubro. Na avaliação do curador, as obras "permanecem de uma contemporaneidade impressionante". Entre os trabalhos que mantêm essa atualidade estão os dipticos fotográficos da série *Tragédias pós-modernas*. De acordo com ele, Mac Adams faz uma reflexão sobre a política financeira adotada por Margaret Thatcher e Ronald Reagan, no Reino Unido e nos Estados Unidos, respectivamente, visão neoliberal que volta a ganhar mais força no mundo.

O recorte da produção apresentado no local traz também esculturas abstratas que projetam sombras inusitadas. "A sombra que leva o olhar do público para um universo completamente diferente desses objetos reais, toda essa narrativa é criada na distância entre os objetos e as sombras projetadas", explica o curador. "Esta faceta



do trabalho de Mac Adams é dotada de um humor singular. No entanto, o artista sempre nos obriga a interrogar a veracidade de elementos que transitam entre a realidade e a ficção", observa. Luiz Gustavo Carvalho apresentará palestra sobre o artista amanhã, às 19h, com o tema *O inverso do visível: reflexo e sombras na obra do Mac Adams*. A entrada é gratuita, com ingressos distribuídos uma hora antes da atividade.

Um dos idealizadores da chamada Arte Narrativa (Narrative Art), que propunha, a partir de imagens, o desenvolvimento de pequenas histórias, Mac Adams tem trabalhos expostos no Victoria and Albert Museum (Londres), Museu de Arte Moderna do Centre Pompidou (Paris), Museu de Arte Moderna (New

York), entre outros.

Luiz Gustavo Carvalho enxerga a produção artística de Mac Adams um diálogo direto com "a sociedade global, que sofre cada vez mais com a perda de identidade". Para o curador, o grande mérito das obras é provocar questionamentos e tirar os visitantes de uma posição passiva, interagindo com o espaço expositivo. "É um autor que não busca trazer respostas através do seu universo artístico, mas de colocar perguntas para o público, criar esse vazio narrativo, como ele chama. Este vazio está repleto de questionamentos, para ele próprio e também para o público", comenta. Acho que é extremamente generoso, ele não tenta impor uma verdade artística, mas busca levantar várias questões", acrescenta.



Para o curador, a ideia é tirar os visitantes de uma posição passiva, interagindo com o espaço

O verso do que não vemos

Ao brincar com sombras e reflexos, artista Mac Adams abre exposição em que questiona o poder da fotografia e da manipulação nos dias atuais

MARIANA MESQUITA

O Recife recebe a partir de hoje uma exposição do artista Mac Adams, um dos fundadores do movimento Arte Narrativa (Narrative Art). Inglês naturalizado norte-americano, Adams tem renome internacional e explora diversos elementos em suas esculturas e fotografias, recriando imagens e objetos. Antes de chegar até aqui,

a mostra passou apenas por São Paulo, e é aguardada em outras cidades brasileiras.

"Ele aborda temas importantes para nossa sociedade contemporânea, explorando o poder da fotografia e da arte de convencer e também manipular quem as vê", afirma o curador independente Luiz Gustavo Carvalho, responsável pela exposição. O artista brinca com as sombras e os reflexos, que respectivamente são a projeção e a inversão da imagem, dois aspectos que são antagônicos mas que ao mesmo tempo dialogam entre si, como se explorasse o que está no verso do que vemos.

Essa tentativa transparece em todos os trabalhos da mostra, seja na série "Espaços Vazios" (onde fotos menores, em preto e branco, promovem diálogo entre formas e sombras, criando novas leituras) ou na série "Tragédias

pós modernas" (composta por fotografias realizadas nas décadas de 1970 e 1980, onde insere imagens chocantes em objetos cotidianos de design arrojado para a época, sem utilizar-se de Photoshop nem outros instrumentos de "truçagem"). Esta última série traz uma crítica social mordaz: foi realizada na época em que Ronald Reagan e Margaret Thatcher estabeleceram suas políticas neoliberais. Entre as imagens reluzentes de cafeteiras, lâmpadas e outros objetos de consumo, pode-se ver cenas de violência extrema que denunciam o alto custo pago por essas políticas: estupro, tortura, guerra.

Os jogos entre objeto e sombra prosseguem nas fotos de "Ilhas" e também nas três esculturas ("Vidas Paralelas", "Bart e Mickey" e "Coelho"), onde objetos criam uma nova mensagem. "As sombras fazem sentido a partir da bagagem de quem as olha, remetendo a nossos cotidianos e medos", conta Carvalho. Uma das esculturas é especialmente tocante: "Vidas Paralelas" é composta pela junção de um esqueleto humano, cuja sombra vira um singelo cachorrinho brincando com um osso. No Brasil, por conta da legislação, não foi possível utilizar restos humanos verdadeiros como aconteceu em mostras realizadas no exterior.

ARTE MAC ADAMS



serviço >

Exposição: "Sombras e Mistérios", de Mac Adams, com curadoria de Luiz Gustavo Carvalho
Onde: Casa Cultural Recife (av. Alfredo Lisboa, 595, Bairro

do Recife)

Quando: Abertura hoje, às 19h. Haverá visita guiada com o curador. Em cartaz em 21 de outubro

Entrada gratuita

Na série "Tragédias pós modernas", imagens chocantes são inseridas em objetos de design

Fotografia

NARRATIVAS VISUAIS

O russo Serguei Maksimishin e o inglês Mac Adams inauguram hoje mostras em São Paulo, reunindo obras que contam histórias através das imagens

NELSON GOMES
nelson.gomes@globo.com.br

Duas escolas de fotografia, o mesmo desejo de contar histórias e surpreender o espectador através das imagens. A Caixa Cultural de São Paulo recebe, de hoje a 28 de julho, as exposições "Sombras e mistérios", do britânico Mac Adams, e "O último Império", do russo Serguei Maksimishin, ambas com curadoria de Luiz Gustavo Cavallini.

Um dos fundadores da Arte Narrativa nos anos 1970, que cria uma trama a partir da correlação entre ângulos, textos ou objetos, Mac Adams leva à capital paulista obras como os dipintos da série "Tragédias pós-modernas", criada na década de 1980 como uma reflexão sobre as políticas econômicas de líderes como Margaret Thatcher e Ronald Reagan, ou suas "esculturas de sombras", nos quais diferentes elementos projetam uma nova figura por meio da luz. Já Maksimishin, um dos mais premiados fotoperformistas russos contemporâneos, apresenta pela primeira vez ao público brasileiro o seu olhar sobre a realidade do país, em 95 fotos.

— Gosto de mostrar histórias surpreendentes. Tento pensar muito sobre o que é uma boa foto, e nunca cheguei a uma conclusão mais abrangente sobre o que ela pode ser. Acredito

que a principal habilidade de um fotógrafo, da mesma forma que a de um contador de histórias, é a capacidade de perceber algo surpreendente e levá-lo aos espectadores em sua integridade — analisa Maksimishin, que fará uma visita guiada amanhã, junto ao curador

QUARENTA ANOS DE TRAJETÓRIA

Mac Adams, que nasceu no País de Gales e se mudou para Nova York na década de 1970, também vai à abertura e terá duas mostras em cartaz em São Paulo. Além da Caixa Cultural, o fotógrafo segue com a individual "Mensuras: a cartografia do mistério" até 8 de julho no Centro Cultural Fiesq, o que, para ele, oferece ao público uma visão de sua prática como artista, abrangendo quatro décadas de carreira. O britânico acredita que, de certa forma, a fotografia sempre foi narrativa, sobretudo em sua forma documental, mas levou tempo para conquistar importância institucional:

— Até a década de 1990/1970, a fotografia não foi levada a sério como arte — diz ele. — No MOMA, por exemplo, ela se restringia a uma pequena galeria no quarto andar, enquanto a pintura e a escultura ocupavam três andares enormes, entre os anos 1960 e 1970. Só quando os artistas conceituais se apropriaram dela e a desconstruíram é que a fotografia passou para o primei-



Dois focos. Foto de Makimishin (alto) e escultura "Cachorro", de Adams

ro andar do museu, ao mesmo tempo em que seus valores foram acrescidos em dois dígitos.

Em sua trajetória para criar arte a partir de imagens ou da recriação de objetos, Mac Adams explorou as muitas formas de se ver o mesmo elemento. Para ele, em tempos de "fake news", algumas obras podem ganhar novo significado.

— Na década de 1980, quando fiz alguns dos trabalhos, todos na academia e no mundo da arte pensavam que o pós-modernismo era o novo salvador intelectual. Avançando para 2018, parece que esse fenômeno da pós-verdade pode ser lido à luz do pós-modernismo — observa o fotógrafo e artista visual. — Na época, acadêmicos

desconstruíam textos, reforçando que existem múltiplas verdades e que elas eram condicionadas por diferentes perspectivas. Infelizmente, ao que parece a extrema direita se apropriou disso. Se não há uma única verdade, eles podem negar a mudança climática, a ciência e apresentar fatos alternativos.

CENAS COTIDIANAS

A sua maneira, Maksimishin também busca revelar diferentes realidades da Rússia contemporânea, por meio de fragmentos de cenas cotidianas que se relacionam à própria tradição da escola soviética de fotografia.

— A marca da fotografia russa, como na literatura, é o tema do homem comum. Dostoiévski dizia: "Todos nós viemos de 'O capote' de Gogol. Se pensar na origem das obras, provavelmente terá algo da literatura russa e da pintura clássica ocidental — aponta Maksimishin, para quem a Copa do Mundo pode agitar a curiosidade do público sobre o país. — Temos experiência em grandes eventos, então espero que tudo vá dar certo. Só acredito que estúdios e áreas de torcedores não são os melhores locais para se formar uma visão adequada sobre um país. ■

Baixa nos Titãs

Branco Mello se afasta por três meses

Branco Mello ficará três meses afastado dos shows dos Titãs para tratar um tumor na laringe, diagnosticado precocemente. A intenção do músico de 36 anos é voltar aos palcos para o início da turnê do DVD da ópera "Doze Flores Amarelas", no segundo semestre. Nenhum show será cancelado até lá. Leo Marucci, que já tocou com a banda, assumirá o lugar até seu retorno. Em 1998, Mello fez uma cirurgia após ser diagnosticado com asmenia de aorta. ■

Greve prejudica I

Cine PE divulga nova data

Adiado por causa da greve dos caminhoneiros, o Cine PE, que começaria hoje, teve nova data divulgada. O festival vai acontecer entre quinta-feira (31/5) e terça da semana que vem (5/6), com a mesma programação. O acesso diário passará a ser gratuito, mas será necessário retirar ingressos antes das sessões — quem tiver feito compra antecipada pode reaver o valor pago na bilheteria. Mais informações em www.festivalcinepe.com.br. ■

Greve prejudica II

Cinemas tiveram menos público

A greve dos caminhoneiros teve forte impacto na frequência dos cinemas pelo país. Mesmo com longas fileiras de veículos em rodovias, as salas foram ocupadas por 1,066 milhão de pessoas no fim de semana, número 53% menor do que o anterior, segundo a Conicem. A obstrução de rodovias também fez "Vingança", de Coralie Fargeat, ser sua estreia adiada desta quinta para a semana que vem (7/6). ■